

Marc Pastor

# A MULHER MÁ

O perigo espreita nas  
sombras de Barcelona

Romance

Para os fãs de

**Carlos  
Ruiz Zafón**



«Um enredo frenético e uma escrita  
extraordinariamente vívida.  
Altamente recomendado!»

*The Independent*



TOPSELLER

# 1



**A**gora sou uma voz dentro da tua cabeça. Ou a oração de alguém que amas à beira da cama, ou um colega de escola que não sabe ler em silêncio, ou uma recordação desenterrada por um cheiro. Sou homem, sou mulher, sou vento e papel; um viajante, um caçador e uma ama (o rei da ironia); quem te serve o almoço e quem te dá prazer, quem te bate e quem te ouve; a bebida que queima a garganta, a chuva que te encharca os ossos, o reflexo da noite numa janela e o choro do recém-nascido antes de ser amamentado.

Eu sou tudo isso e posso estar em toda a parte. Comporto-me mais como um homem (se comportar-se for o verbo mais adequado), do que como uma mulher. Isto apesar de as pessoas se referirem a mim com frequência no feminino, a Velha Senhora isto, a Grande Ceifeira aquilo, ou a Inexorável (gosto especialmente desta, é de *As Mil e Uma Noites* e acho-a muito poética). Mas há uma explicação muito lógica. As mulheres são a essência da espécie, o início de tudo. Vós, as mulheres, dais Vida. Sois totalmente o contrário do que eu represento. Estamos nos dois extremos da corda. Não vos odeio (não tenho sentimentos, apenas curiosidade), mas também não sou como vós. Sou mais homem: destruidor. Os homens só sabem aniquilar, desfazer, em todos os campos possíveis: dominar e matar. Mas sem os homens também não haveria crianças, podeis argumentar. Parvoí-

ces. O homem não dá à luz. Apenas possui a fêmea e deixa nela a semente, o seu rasto destruidor. De certa maneira, ele mata-a e ela sacrifica-se para que haja uma nova vida. As mulheres darão à luz, criarão e encarregar-se-ão de que tudo siga em frente. Por isso quero contar-vos a história de Enriqueta Martí. Porque, apesar de ser mulher, é diferente das outras.

Esqueçam, portanto, as caveiras, os esqueletos, as túnicas escuras e as foices; esqueçam as imagens medievais de pele engehlhada e órbitas dos olhos vazias, o nevoeiro espesso e os gemidos de dor, as correntes, as gargalhadas malélicas e as aparições espetrais. Eu não sou o das carroças de cadáveres empilhados, o Juiz Supremo ou o carrasco encapuzado... embora possa sê-lo. Tudo isto sois vós, com as vossas fantasias, medos e pesadelos.

Eu não sou o fim do caminho: sou o caminho.

Mas já chega falar de mim, pois não vale a pena nem leva a lado algum, e comecemos de uma vez por todas a história que vim contar.

Porque, dizem os que não entendem, a primeira pazada é sempre a pior.

Bocanegra estira o corpo, orelhas espetadas como um cão lebreiro. Cheiro de terra húmida, de suor do Vesgo, de sal trazido pela brisa do mar. As mãos firmes no cabo, os olhos arregalados, redondos como a Lua que salpica de luz a gravilha do cemitério.

O grito de uma gaivota insone assusta-os. O que foi isso? Nada, nada, foi um pássaro.

O Vesgo, alto e espigado, sem o olho direito devido a uma bala durante a Semana Trágica, sorriso desdentado e pele chagada, escava ao lado de Bocanegra. Desde o verão que não iam juntos a Montjuïc buscar corpos. Chegaram com o carro do Vesgo, que de dia transporta carne dos matadouros para revender na cidade, e atiraram as pás por cima das grades antes de saltar. Uma simples lâmpada de azeite é visível de qualquer lugar da montanha, por isso não a acendem até que o bosque

de esculturas funerárias os esconda. Não quer ser apanhado pelo guarda-noturno ou pela bófia, ou acabarão por lhe chamar de O Cego.

— O que é que o doutor faz com estes corpos?

— Isso que interessa?

— Paga-nos bem por um material que ele poderia levar do hospital.

— Que entendes tu de medicina? Deixa lá cada um fazer o que sabe. O doutor a fazer doutorices, e nós a carregar sacos.

O buraco vai ficando mais fundo. Os dois larápios esforçam-se cada vez mais; falta pouco para chegar à urna.

— Mas ele nunca irá parar à prisa. Ele é um senhor doutor e nós, uns badamecos inúteis.

— Cala-te, Bocanegra, e não sejas agoirento. Não te rales se ele vai para a cadeia ou não. Procura antes que a bófia não te deite a luva e te mande a ti ver o Sol aos quadrinhos. Anda, vá lá, passa-me aí o tintol que eu já estou encharcado de suor!

Bocanegra tira o odre de vinho de dentro do saco e passa-lho. Ao recebê-lo de volta, bebe um trago. A experiência é que manda, e o companheiro de trabalho já alombou muitas vezes. Afinal Bocanegra é só um puto, um pintainho há pouco saído do ovo, órfão de pai, mãe, Deus e dinheiro, que sobrevive numa águas-furtadas da rua da Lua e que come quando pode, ou quando rouba, que costuma ser no mesmo dia. A única companhia que ele tem é a de um velhote cego do mesmo prédio que dá aulas de guitarra às crianças e fabrica unguentos e pomadas para os adultos, e que garante que consegue curar toda a espécie de males, embora não veja nem toque há anos. Chama-se León Doménech, e nunca se queixa quando lhe falta alguma pomba no terraço. «Porque é que te chamam Bocanegra, rapaz?», perguntou-lhe uma vez, antes de saber que ele tinha os dentes manchados de sangue seco e uma pena suja no cabelo.

Depressa, depressa, que já estamos a acabar e é quase de dia.

Como escravos das galés, silenciosos durante um bom bocado, concentram-se nas pás. Uma pancada seca indica-lhes que tocaram em madeira. Limpam a terra que a cobre e procuram os pregos. Bocanegra arranca dois com as unhas e faz sangue nos dedos. O Vesgo faz força com o ferro da pá na ranhura entre a tampa e a urna. Crac, lascas, tampa semiaberta. Bocanegra fica excitado e levanta-a. Não consegue evitar um grito de horror.

— Merda! — resmunga o Vesgo.

— Era este que nós vínhamos buscar?

— Era — desdobra um papelito que guardara no bolso. —  
Vê tu mesmo.

— Não sei ler.

— É um mapa...

De pernas abertas sobre o cadáver sem cabeça, Bocanegra sentencia:

— Seja quem for, este homem não morreu das febres.

O Vesgo sai do buraco e apoia o queixo no cabo da pá. Fecha os olhos. Está a pensar.

— O doutor não vai querer isto.

Bocanegra agarra no cadáver pelas axilas e mantém-no de pé.

— Pesa que nem um morto.

O Vesgo não está para brincadeiras.

— Nem sequer é recente. Olha a quantidade de larvas que já tem! — aproxima o lampião de Bocanegra, que vê como os bichos lhe sobem pelas mãos e lhe caem nas calças. Alguns entram-lhe nos sapatos. Olha para o pescoço do morto e vê nele mais vida do que esperava encontrar. Procura a cabeça dentro da urna.

— É homem ou mulher?

— Não estarás a pensar ficar com isso?

— Se a limpar bem...

— É um homem.

— Ah, então não, não sou nenhum maricas.

Silêncio. Uma gaivota aproxima-se deles e olha fixamente. Até parece dizer-lhes: se não o quiserem, eu não faço cerimónias.

— Talvez a senhora o queira.

Bocanegra vira-se, espantado. Dentro da campa, de joelhos, a imagem do Vesgo com a pá e a lampadazita no ar, a falar da senhora, gela-lhe o coração.

— A senhora?

— Dá-me tudo o que tiver valor e vamos, de uma vez por todas, tirá-lo daqui.

Com o cadáver decapitado no saco, caminham em direção às grades. A campa fica aberta, com a gaivota lá dentro, a debicar os restos.

— Não gosto da senhora — atreve-se, por fim, Bocanegra a dizer.

— Ó miúdo, não me venhas agora com parvoíces.

— Não gosto. Já sabes o que dizem dela.

O Vesgo vira-se para ele, pobre rapaz. Já no carro, dá-lhe o crucifixo de latão que tiraram dos bolsos do cadáver...

— Se comeste alho ao jantar, não tens que ter medo de nada — e solta uma gargalhada.



— Giselle, és a melhor puta francesa de todas as putas francesas nascidas em Sant Boi.

Moisès Corvo está sentado à beira da cama; nos lençóis amarrotados, as manchas de outros clientes, secas há semanas, exalam um fedor a sexo que paira no quarto. O corpo dela está deitado nu em cima da cama, encolhido como um esse, com as costas arranhadas e nódoas negras na parte de dentro das coxas. O cabelo sobre a almofada e o olhar em Moisès, atenta, sem indícios de emoção, mas sem o medo que a acompanha depois de ir para a cama com qualquer um que lhe pague o jantar. Moisès Corvo trata-a bem,

tão bem como sabe fazê-lo aquele homenzarrão, com quase dois metros de altura e voz de trovão, forte que nem um carvalho e braços compridos como um macaco de circo. Giselle acaricia-lhe as costas enquanto ele se veste. Já vestiu as calças, os suspensórios caem-lhe de ambos os lados do corpo, a camisa como um lenço nas mãos ossudas. Roda o tronco, e a boca não sorri em sintonia com os olhos, muito azuis. O rosto de um quadro de El Greco, o cabelo despenteado, as sobrancelhas finas como uma assinatura notarial, o nariz aquilino, pronunciado, como o lábio inferior. «És parecido com o rei», diz-lhe a mulher quando ele está em casa. E nunca sabe se ela se refere ao físico ou ao facto de gostar de raparigas, quanto mais nuas e desavergonhadas melhor.

— Amanhã vens?

— Quem sabe? Amanhã posso estar morto.

— Não digas essas coisas.

— Então não perguntes parvoíces.

— Tenho medo, Moisés. Gostaria que estivesses mais por aqui.

— Medo de quê? Outra vez aquele patife que... — Moisés não recorda o nome. Apenas o barulho das costelas partidas sob a abóbada do Arco do Teatro.

— Não. Tenho medo do monstro.

— Qual monstro? — mão na braguilha, sem se aperceber.

— Não se fala de outra coisa. As crianças desaparecem. Estou em cuidados por causa do meu Tonet.

— Não desapareceu nenhuma criança, Giselle. Isso é só falatórios das velhas bruxas à porta de casa, fartas de ouvir a garotada a gritar e a saltar.

— A menina da Dorita.

— Quem? — Moisés, de pé, já vestido, limpa as botas, com um cigarro nos lábios.

— A Dorita. Ela tem, tinha, uma menina pequena, de quatro aninhos. Há duas semanas que não se sabe nada dela.

— Nunca vi essa menina.

— Isso é porque ela não a mostra. Tu pensas que nós as putas andamos por aí nas esquinas a meter dó com as crianças?

Giselle, nervosa, também se levantou e enfiou um roupão velho e roído pelas traças.

— Não me grites — Moisés dirige-se para a porta. Para dores de cabeça já lhe basta a mulher, não precisa de mais de uma puta.

— Não te vás embora!

— Que queres que eu faça? Que fique aqui toda a noite à espera de um fantasma?

— Não te peço mais nada. Só que tomes conta do meu Tonet.

— Adeus! — com um movimento do ombro, veste o casaco e sai do quarto.

Está no andar por cima da taberna La Mina, na rua Caçadores. Com dignidade fingida, desce as escadas que toda a gente sabe aonde conduzem e encaminha-se para o balcão. Há tanto fumo que até parece uma estação do comboio. Lolo, baixinho, careca, com olhos de peixe doente e gordura na camisa, vai a correr atendê-lo.

— Um anis.

— Ela não te chegou?

— É só para tirar o teu sabor da minha boca, lidas de mais com ela, com a Giselle.

— É uma relação comercial — riu-se Lolo, e vira-lhe as costas ao ser chamado por outro cliente.

Moisés Corvo bebe o copo de um trago. São oito horas da noite, demasiado cedo para começar a trabalhar e demasiado tarde para ir para casa. A rua Balmes fica muito longe. Se esperar um bocado, de certeza que encontrará um rosto amigo, pois caras conhecidas são elas todas, mas é melhor não as olhar nos olhos, pois podem começar uma conversa não desejada. Ao fim de cinco minutos, Giselle desce as escadas e vai ter com Lolo, toda encolhida, como se tivesse engolido todo o descaramento de que fazia gala no andar de cima. Troca de moedas e de olha-



res, Lolo atira-lhe um beijo e Giselle sai a correr. Cruza-se com Martínez, que olha para ela de alto a baixo antes de pedir uma boa cerveja quente e começar a conversar com Ortega, que já vai tão bêbado que não se rala que a mulher esteja em casa com Juli, o Três Tomates, depois de ter assaltado dois barcos ingleses atracados no porto, graças à ajuda de Miquel, que agora come uma sanduíche de linguiça na mesa do canto (pão seco e enchido ressequido). Em suma, a mesma rotina de todos os dias.

— Lolo! — grita Moisés por cima daquele vespeiro de vozes. O taberneiro aproxima-se.

— Outro? — Lolo está preparado para cuspir dentro do copo, para o limpar antes de voltar a enchê-lo.

— Não, não. É uma pergunta. — Lolo inclina-se para a frente, atento. — Ouviste alguma coisa sobre um monstro que sequestra crianças?

Lolo desata a rir-se.

— A Giselle já te falou disso, foi?

— Ouviste alguma coisa ou não?

Lolo hesita, olha para um lado e para o outro, e verifica que toda a gente os pode ouvir. O que é que se há de fazer?

— Ouvi. As raparigas andam muito nervosas. Dizem que já desapareceram umas oito crianças. Mas como elas são... já sabes, como elas são o que são, não denunciaram nada.

— São putas, e a polícia só liga às putas quando lhes interessa.

— Foste tu que disseste.

— Conheces alguma de?...

— Sim, de Dorita.

— Mais alguma?

— A de Ángels.

— A Marrana?

— Conheces mais alguma Ángels? Há duas semanas que a Josefina desapareceu. Coitadinha, com dois aninhos. Desde então a Ángels ainda não saiu de casa.

— E como é que aconteceu?

— Vá-se lá saber. Deve tê-la deixado com alguém quando estava bêbada, ou perdeu-a no mercado, ou sabe-se lá o quê.

Um homem de bigode distinto apoia-se com os dois braços no balcão ao lado de Moisés.

— Lolo, dá-me do mesmo que a este cabrão.

— Malsano, sabia que não ias demorar a aparecer — Moisés nem olha para ele quando fala.

— De anis ou do raio-que-o-parta?

— Nesta taberna não é a mesma coisa?

Lolo afasta-se, a pensar se aquela boca não seria verdade.

— Temos trabalho, Sherlock.

— Tornas-me a chamar Sherlock, Malsano, e parto-te as trombas.

— Ei, ei, ei!... — Juan Malsano levanta a mão, pacífica, e com a outra afasta o casaco para mostrar o revólver. — Não te precipites, que somos seis contra um.



Aproximo-me do Vesgo para recolher a sua alma, sem que ele se aperceba. Não sabe que estou prestes a apanhá-lo. Observo como, escondido na rua Mendizábal, o Vesgo espera o fim da atuação. Ela gosta de ópera e de dinheiro. Pessoas que simulam ser outras, disfarces opulentos, grandes paixões, tragédias e misérias. Um mundo falso, de aparências, trajas e protocolos, longe da realidade. De máscaras. No mínimo, ele não se envergonha de si mesmo, não precisa de pretender ser quem não é. Porque ele não é pior que a escumalha que agora, como se diz, agita a bijutaria no final da atuação. A música, pretensiosa, que se ouve vinda de três ruas à volta, já acabou. Dentro de pouco, quando todos tiverem dito o que pensam, quando as amantes tiverem marcado encontro com os respeitáveis homens de negócios no

pequeno andar do Eixample para daqui a duas horas, começará o desfile. Por isso o Vesgo escondeu-se nas vielas, porque na *rambla* há demasiados mendigos. A polícia municipal estará tão atarefada a expulsá-los à bastonada para deixar passar o carro do senhor Sostres, o próximo presidente da Câmara (embora lerrouxistas e regionalistas tenham empatado nas eleições do dia doze de novembro, ele não será eleito antes do dia vinte e nove de dezembro), que ninguém vai reparar nele nesta ruela fedorenta por trás do Liceu. Ninguém, exceto eu, mas não me consegue ver nem ouvir, porque agora sou uma sombra à espera da sua alma. O Vesgo não entende o que é que os ricos de Barcelona veem naquele alemão, BÁCNER. Quantas vezes os próprios palhaços observaram como o cantor grita, em alemão, e não há quem a entenda, ópera do caralho. Música boa é a das putas quando gritam numa cama quente, pensa. E ri-se, desdentado. Hoje não roubará ninguém, embora fosse de caras. Hoje veio vê-la a ela, e por isso venho buscá-lo. Tem uma coisa que pode interessar-lhe, porque a ópera e o dinheiro não são as suas únicas paixões.

Ouve os cascos dos cavalos e sabe que elas já estão a sair. Quase consegue vê-las, todas enfeitadas com joias, com casacos de peles e de braço dado com o marido. Como gostaria de comer algumas, para lhes mostrar como é que é ser macho. O Vesgo protege-se dos olhares indesejáveis na escuridão das ruas sem candeeiros até a ver passar. É diferente das outras. Vai sozinha, de cabeça bem erguida, passos curtos e rápidos. Os lábios apertados, a cara imutável, como uma figura de cera. Tem as mãos cruzadas debaixo dos seios, envoltos por um vestido espetacular, cor bordeaux, uma autêntica filigrana até aos tornozelos. O cabelo, apanhado num carrapito, deixa à vista um pescoço comprido que parece uma coluna de fumo. O Vesgo lambe os lábios e deseja-a. Aproximar-se dela é como assomar-se à janela mais alta de um prédio: a sensação de estar prestes a cair é tão poderosa como irresistível.

O Vesgo passa para a rua da Unió e segue-a durante algum tempo, enquanto ainda há pessoas à volta. Está escuro, mas não o suficiente para já ser a hora das bruxas. As pessoas da má vida preparam-se para começar a noite. A da pior vida acaba de sair do Liceu. Quando ela vira para Oleguer, ele acelera o passo. Arqueja, já não tem idade para isto, porra, e grita:

— Minha senhora!

Ela vira-se e olha para ele, mas não fala. O Vesgo corre para ela, ignorando que é a última coisa que fará antes de morrer.

Quando duas horas depois Moisés Corvo e Juan Malsano chegam, a viela está a abarrotar de gente.

— Sherlock Holmes é um pedante. Um merdas de escritório que acha que, por ter estudado, pode resolver tudo como se fosse um problema de matemática.

— Mas resolve, ou não? — Malsano segue a onda dele. Sabe como picá-lo.

— Ele estraga tudo desde o princípio: para ele tudo é lógica, lógica e mais lógica. Até os factos mais irracionais.

— E não é assim...

— Não! Já sabes que não. O mundo não funciona assim: há erros, há improvisação, há mal-entendidos. Sherlock Holmes despreza o fator surpresa.

— Mas resolve os casos — sentencia Malsano.

— Literatura! É impossível chegar à solução seja do que for utilizando uma cadeia de deduções, porque haverá sempre alguém que a quebrará. Os criminosos vão à toa.

— E Sherlock Holmes, não — sob o bigode de Malsano há um sorriso trocista.

— Nem Sherlock Holmes nem, menos ainda, Dupin.

— Quem?

Moisés Corvo afasta com a mão um homem que tenta avisar o corpo morto pondo-se em bicos de pés. Um dos poucos homens, de facto, porque a maioria dos presentes são mulhe-

res. Fazem cara de enjoadas, mas não querem perder o lugar à volta do Vesgo. O homem tenta enfrentá-lo, indignado, mas ao ver que perante a corpulência de Moisés a única coisa que pode acontecer é ele ir fazer companhia ao defunto, decide calar-se e confiar que nenhuma daquelas mulheres se ria dele.

— Dupin, o detetive de Edgar Allan Poe, é ainda pior que Sherlock Holmes. Pelo menos vemos Sherlock Holmes através de Watson, que não deixa de ter um tom gozão o tempo todo, apesar de o detetive o tratar abaixo de cão e ele ser um fanfarrão. Saia daqui, minha senhora, carago, que já não são horas — ralha. — Dupin é uma espécie de máquina de resolver crimes que nunca pôs os pés na rua. Eu gostava de o ver fora das páginas, na vida real, e não diante de estúpidos símios assassinos.

— Deve haver alguém de quem gostes...

— Lestrade. Tenho grande simpatia por Lestrade. O polícia da Scotland Yard que cumpre o seu dever, apesar de Sherlock Holmes se obstinar em humilhá-lo.

— Moisés, andas a ler de mais.

— E tu falas de mais, Juan... por favor!

Chegam junto do cordão policial formado por dois polícias municipais. Conseguem entrever o corpo, ou pelo menos a forma, sob um lençol impregnado de sangue. As espetadoras não param de chorar e murmuram frases desconexas, como se realmente se importassem com aquele pobre infeliz ali estendido no chão. Um carteirista limpa os bolsos dos poucos homens presentes que as consolam encostando-se a elas com força, sentindo as mamas sob a pressão. Moisés bate as palmas e o carteirista desata a correr que nem um rato. Um dos polícias, quando os vê chegar, pede licença às pessoas para passar, mas nem lhe fazem caso. Fica muito sério, franze o sobrolho, e só com algumas ameaças consegue um pequeno corredor.

— Porra, Asensi, o que é que aconteceu? — pergunta Moisés.

— E ainda me perguntas? O que é que achas? Foi o Vesgo, que devia estar à espera dos que saíam da representação e não sabia que hoje a estrela ia ser ele.

— Como é que foi? — Moisés aproxima-se e Juan levanta o pano, que fica uns segundos colado ao corpo da vítima.

— Não sabemos. Ninguém viu nada até o encontrarem assim, totalmente descomposto.

— Quer dizer que ninguém parou.

— Não te escapa nada.

Moisés crava nele o olhar e o guarda Asensi compreende que hoje já esgotou a sua cota de confiança. O corpo está numa poça de sangue, retorcido, com as mãos rígidas como garras, com um olho cravado no céu, e o outro, vazio, no inferno. Parece um escaravelho branco. Moisés aproxima-se e põe-se de cócoras, com Juan, mas está distraído. Só ouve os comentários do grupo de pessoas que, com a sua chegada, parecem ainda mais excitadas. Tendes medo de mim, mas eu sou o vosso espetáculo preferido: quando apareço, não conseguis afastar o olhar.

«Chegam sempre quando o mal já está feito», ouve dizer a uma mulher magricela.

— Não é demasiado cedo para esta rigidez? — pergunta Juan.

Moisés toca nos dedos frios do Vesgo, que agora têm a mesma vida que um corrimão. O rosto desfigurado e a boca num esgar grotesco, pálido como uma vela. Esvaiu-se em sangue, pensa Moisés, mas não vê nenhuma ferida. O pescoço está tingido de sangue, e no escuro parece alcatrão.

— Foi o pânico. A morte foi tão repentina que o pânico deixou-o teso — arregaa-lhe as mangas até deixar os antebraços à vista. — Não tem feridas defensivas, mas pela posição do corpo parece que estava de frente para o agressor.

— Não estava à espera. Como é que se terá esvaído em sangue?

«Um monstro», ouve Moisés. O rumor à sua volta vai aumentando.

— Porra, Asensi, tira esta escória toda daqui, que não têm nada a ver com isto.

Asensi obedece-lhe, mas as pessoas não estão para histórias e ignoram-no. Retrocedem um metro para regressarem de novo quando Asensi dirige o olhar para o morto, fascinado. Moisés pega num lenço e limpa-lhe o sangue do pescoço até conseguir o que procurava. Um pedaço de carne arrancada, com a pele a dançar-lhe em cima. Moisés introduz o indicador da mão direita. Malsano confirma mais uma vez, que às vezes Corvo não funciona muito bem.

— Exatamente a artéria jugular. Seja como for, o ataque foi direto e feroz.

O barulho da rua aumenta. Está branco! Tiraram-lhe o sangue todo!

— Mas isso aí não é uma ferida de lâmina, Moisés, e de arma de fogo também não — Juan pronuncia os seus medos em voz alta. Intui a origem da ferida, mas nem quer acreditar.

— O corte é semicircular, mas impreciso. Como se tivesse sido feito com uma serra pequena. Mas uma serra teria feito mais estragos e haveria sinais de luta. O corpo não tem mais nenhum golpe visível. De qualquer modo, devemos esperar pela autópsia...

— Achas que é possível?

Moisés põe o cadáver de barriga para baixo, como se virasse um saco. Para ele é de facto disso que se trata. Não é mais do que um saco, não é mais do que trabalho. Tira-lhe o casaco e com uma navalha rasga-lhe a camisa nas costas. Um grito entre as pessoas faz com que Asensi se volte a zangar e quase agarre no bastão. Mas ele também tem curiosidade. Moisés observa com atenção os braços. Pede uma lanterna, que o outro polícia municipal lhe entrega. No bíceps direito há quatro marcas pequenas, roxas, em forma de meia-lua. No braço esquerdo, três.

— Agarraram-no pela frente. O agressor agarrou-o de frente... e mordeu-o.

Uma mulher desmaia. Moisés vira-se ao ouvir o alvoroço.

— Uma dentada — Juan continua a olhar para o Vesgo. — Arrancaram-lhe a carne de uma dentada.

Um repórter acaba de chegar, apetrechado de caderno e lápis.

— Inspetor Corvo! — grita.

— Agora não, Quim.

— Ó homem, vá lá, que ainda está quente!

Juan levanta-se e dirige-se ao jornalista.

— Queres saber o que é estar quente?

Diz que não com a cabeça.

— Então cala-te.

Àquela hora, o rumor de que o monstro anda faminto já se estende da circunvalação de Sant Pau até ao parque da Ciutadella.

Assim que chega o juiz, o Dr. Fernando de Prat, ouve-se o choro de dois recém-nascidos que reclamam a atenção da mãe. Como se isto fosse a sirene da fábrica, os espetadores começam a ir-se embora. Alguns querem verificar se os seus filhos estão em casa, a dormir debaixo do cobertor, ainda que seja entre piohos. Outros preferem não encontrar-se com o magistrado cara a cara, não vá ele recordar-lhes que têm de ir um dia destes ao tribunal, porque têm uma multa para pagar ou uma prisão para cumprir. Há quem fareje que vai ser a vez das perguntas, que os polícias vão começar a interrogar toda a gente que tiver boca e olhos e, neste bairro, vale mais ser mudo e cego do que zarelho como aquele pobre cadáver, que já cheira que tresanda, se é que já não tresandava antes.

Quando vê o Dr. Fernando de Prat a sair do Hispano Suiza, com um barulho de mil diabos na rua de Sant Pau, com cara de poucos amigos, de roupão por cima do pijama e de cachimbo na boca, Bocanegra dá meia-volta e desce pela rua de Om até Drassanes, onde está o carro do Vesgo com o corpo que tinham



ido buscar a Montjuïc. Leva-o até ao porto, onde os mastros balançam ao ritmo pausado da brisa, e vigiando para que não haja olhos indiscretos nas imediações, livra-se do corpo atirando-o para a água, com um forte estrépito, como se fosse uma rocha a cair da montanha. Bocanegra desata a correr e abandona o carro do Vesgo. Agora já não precisa dele, diz para si mesmo, e vai para casa, para as águas-furtadas da rua Lluna, desconfiando da escuridão, que é onde se escondem os vampiros.

O Dr. Fernando de Prat olha de lado para o corpo, sem muito interesse, e fala de forma rotineira com Moisés e Malsano. Fá-lo como se quisesse saber o que acontecera, mas só pensa em voltar para a cama e acabar com este maldito turno.

— Se pelo menos tivéssemos máquinas fotográficas — lamenta-se Corvo quando De Prat lhe pede um relatório para o dia seguinte sobre o que acontecera.

— Desenhe, como toda a vida se fez.

— Às vezes a vida acaba, senhor doutor, e vamos desta para melhor. Eu recomendar-lhe-ia que perguntasse ao nosso convidado desta noite, mas penso que a resposta dele seria muito fria. — O magistrado ignora o sarcasmo de Corvo, porque entretanto o médico chegou.

— Diga-me que ele está morto, que quero ir dormir.

O doutor Ortiz, bigode de pontas afiadas e de malinha na mão, é homem de poucas palavras. Agacha-se diante do corpo e põe-lhe um espelho à frente da boca.

— Talvez tenha mais sorte na ferida do pescoço, doutor — diz Corvo sem ter qualquer resposta.

Procura o pulso, observa os olhos e levanta-se.

— Leve-o para o Hospital Clínico.

Dito isto, estende a mão ao juiz e vai-se embora por onde veio. O Dr. Fernando de Prat, Moisés e Malsano conhecem-no bem. São muitas noites a encontrarem-se à volta de um morto. Por isso o juiz decide que já chega por hoje e amanhã será outro dia

se Deus quiser. Os dois inspetores esperam que levem o cadáver, sozinhos na rua, sem mais companhia que um cão que coxeia, ladra e fica a lamber a poça de sangue nas pedras da calçada.

Na rua Ponent, número vinte e nove, não muito longe de onde foi encontrado o Vesgo, Salvador Vaquer está há um bocado na cama. Estivera no estúdio à espera que Enriqueta voltasse. Mas as pálpebras fechavam-se. Então, levantou-se e foi para o quarto da pequena Angelina, que dormia. Fechou a porta à chave e abriu a da arrecadação, onde a filha de Dorita estava sentada no enxergão. Chorava.

— O que é que tens, linda? — Salvador aproximou-se e acariciou-lhe o cabelo, curto, cortado às três pancadas.

— Tenho medo — choraminga.

— Porquê? Não tens que ter medo de nada — Salvador deslizou os dedos pelo pescoço da pequena e, depois, pelo peito. Quando muito, tem quatro anos.

— Quero a minha mamã...

— Estou aqui eu, linda, estou aqui.

Salvador cheira agora os dedos, que conservam o odor da menina, e ouve as chaves na porta e a mulher a entrar. Uma pontada fá-lo sentir-se culpado, e apesar do frio começa a transpirar. Aguça o ouvido, como um cão de caça, e imagina-a a atravessar primeiro a sala de jantar, depois a cozinha, e finalmente a arrecadação, onde para. Silêncio.

Enriqueta abre a porta do quarto e Salvador finge que dorme. Ela despe-se, às escuras, e mete-se na cama. Abraça-o por detrás. Salvador morde os lábios quando o frio dos dedos dela pousa nas suas costas. Ela respira fundo e solta um assobio por entre os dentes que faz lembrar uma serpente. A mulher morde-lhe a orelha e passa-lhe a língua pela nuca, enquanto a mão rasteja pelo púbis até caçar a presa. Ele vira-se e beija-a: a sua boca é quente e salgada.

Como o sangue.



**A** gordura escorre pelos azulejos. O lava-loiça está entupido. As brasas desenham sombras que baloioam num estremecimento espectral. São dos poucos sinais de vida, por mais falsos que sejam, do depósito de cadáveres do Hospital Clínico. Sobre uma das mesas, o corpo cosido do Vesgo, branco, rígido, com zonas lívidas nas costas, nos braços e nas pernas. Menos morto que o corpo decapitado que jaz na mesa ao lado, se tivermos em conta o cheiro deste. Encontraram o cadáver muito cedo a flutuar no porto sob um monte de gaivotas. Com efeito, não teriam reparado se não fosse a barulheira daquelas aves a gritar e a lutar por um pedaço de carne podre em frente à praça Colom. O doutor Ortiz acha que era o próprio descobridor das Américas que estava a apontar para o pedaço do morto, como que a pedir que o tirassem dali de uma vez por todas. Agora o doutor bate com os pés no chão, ora com o direito, ora com o esquerdo, para afugentar as baratas que farejam um banquete.

— A dança começou sem nós? — grita Moisés, depois de descer as escadas em caracol que levam à sala das autópsias. — Espero que não tenha de convidar a mais feia para dançar...

Olha para o decapitado. O doutor Ortiz franze o sobrolho e estende-lhe a mão. Faz o mesmo com Juan, que vem atrás.

— Boa noite.

Todos sabem que é um formalismo. O doutor Ortiz não crê que seja uma boa noite. Nem mesmo um bom seja lá o que for. Mandou-os chamar porque lhes quer mostrar uma coisa do morto que tem a ver com a dentada.

— Vamos ao que interessa, doutor — apressa-o Juan. — Hoje quase não dormimos e gostaria de bater uma soneca antes do turno acabar.

— Acho que ainda há camas livres, se quiseres, e companhia que não se queixa — replica Moisés.

— Já acabaram com a comédia, senhores, ou vou ter de começar a cobrar entrada?

— E este? O que é que ele faz aqui?

— Passou por aqui não há muito tempo — o médico bate no peito do cadáver, já que não tem cabeça, e uns quantos vermes saltam para os pés de Juan.

— Puta que os pariu!

Moisés inclina-se sobre o cadáver, tapando o nariz e a boca com um lenço que tem as suas iniciais bordadas. É a única coisa da sua mulher que traz com ele.

— Aqui temos a melhor prova de que há, efetivamente, vida depois da morte. Muita vida.

O cheiro é quase insuportável, e com o braseiro torna-se sufocante. O doutor Ortiz sabe muito bem como fazer com que as visitas não incomodem durante muito tempo.

— Como lhes dizia, ele já foi meu *cliente*. Um pobre desgraçado que se atirou à linha do comboio e ficou assim... bem, um pouco menos.

— E o que é que fazia esta Maria Antonieta no porto? Também está na moda entre os mortos esta atual mania dos banhos?

— Senhor Corvo, faço de conta que não ouvi os seus comentários incisivos e remeto para o seu colega, o inspetor Sánchez, que é quem dirige o caso.

Buenaventura Sánchez. O polícia perfeito. Se Juli Vallmitjana<sup>1</sup> escrevesse sobre a bófia em vez de escrever sobre os marginais, Buenaventura Sánchez seria o protagonista. Alto, boa-pinta, cabelo espetado e olhos claros, sorriso hipócrita e palmadinha nas costas, um tipo que sabe tudo sobre o crime e como combatê-lo. Um polícia perfeito que é a menina dos olhos do seu chefe. O comandante da prefeitura de Barcelona, José Millán Astray, não para de glosar as suas virtudes enquanto Buenaventura lhe faz festinhas na perna e lhe leva os chinelos antes de dormir. Com qualquer outro comporta-se como um sabichão, como quem sabe que chegará longe, ou pelo menos assim julga. Juan Malsano não pode nem vê-lo, e Moisés Corvo já uma vez lhe foi às trombas.

— O inspetor Sánchez esteve aqui? Parece-me sentir o seu perfume...

— Veio esta tarde, inspetor, com o doutor Saforcada, que é quem fez a autópsia do sujeito pelo qual vos mandei chamar.

— E então, o que é que o doutor Saforcada encontrou? — pergunta Juan.

— O seu monstro. É humano. Ou pelo menos um ser humano com tendências necrófagas.

— Então podemos descartar o lobisomem ou o conde Drácula?

— Inspetor Corvo, venha cá — coloca-se ao lado do Vesgo, a quem pega nos braços. — Quatro equimoses num braço e três no outro. O que é que isto lhe diz?

— Que o seguraram antes de morrer, pela frente. Alguém com uma força...

— Não me diga nada que não saibamos já todos. Pense. Porque é que num braço há três e no outro, quatro?

— Porque o assassino não tem os dedos todos?

---

<sup>1</sup> Juli Vallmitjana i Colomines (1873–1937), escritor e dramaturgo catalão. [N. dos T.]

— Ectrodactilia. É uma possibilidade. E mais, isso reduziria muito o campo de investigação.

— Os nossos ficheiros de impressões digitais são escassos, ainda — diz Juan, alisando o bigode. Há tantos anos que respira o mesmo ar que já quase nem sente o cheiro a putrefação, a não ser quando tira a roupa de manhã, antes de se deitar.

— Sim — continua Moisés —, o professor Oloriz está precisamente a supervisionar a criação do arquivo. E ainda por cima, da guerra com os mouros, uns mais, outros menos, quem é que voltou só com uma mão, com as calças enroladas à altura do joelho, ou numa caixa de pinho.

— Eu disse que é uma possibilidade. Qual é a outra? — silêncio. — Que tivesse uma das mãos ocupada.

Move o corpo do Vesgo como se fosse uma baguete de pão ressequido e aproxima uma luz que revela uma quarta nódoa negra mais pequena e mais comprida.

— Trazia uma navalha?

— Uma navalha teria feito um corte. Deve ter sido uma ferramenta incisiva, como, por exemplo, um estilete.

— Mas ele não tem qualquer ferida de estilete.

— À primeira vista não, mas não o trouxemos aqui para que nos cantasse uma zarzuela, não é?

— Se quer cobrar a sua parte da entrada para o espetáculo, é só dizer, doutor — murmura Moisés.

O médico coloca-se junto da cabeça do Vesgo, rapada e cosida desajeitadamente, e abre a ferida do pescoço. Passais meia vida à minha procura e a outra metade a fugir de mim. Revolveis os cadáveres, remexeis na carne, procurais explicações nos corpos que têm a minha marca. Quem? Como? Porquê? As respostas estão ao alcance destes homens, que mexem nos mortos como quem procura a solução de um problema de matemática.

— Isso é uma mordedura humana. Pelo diâmetro, pelo estalido da pele e pela marca dos dentes, que encaixam no odon-

tograma humano. Mas o assassino não usou a mordidela como primeiro ataque. Tinha de ser uma boa besta para se atirar a alguém, por muito fraca que a vítima fosse, e arrancar-lhe um pedaço do pescoço com a boca.

Moisés olha para dentro da abertura, mas não distingue nada.

— Aqui — continua o doutor. — Este corte na parte mais interna não condiz com uma mordidela, mas sim com uma ferida de arma inciso-contusa, como um estilete.

— Como um estilete.

— Ou um alfinete de cabelo.

— Que assassino é que usa um alfinete de cabelo?

— Que assassino bebe o sangue da vítima?

Moisés Corvo fecha os olhos e vem-lhe à cabeça a recordação do Rife, tão viva como o calor da sala onde se encontra. Soldados que para sobreviverem comiam carne humana. Seriam monstros, então? Ele próprio, que tinha decepado dedos e orelhas do inimigo como uma espécie de recordação estúpida da sua passagem por África, seria um monstro?

— Quem é que pode fazer uma coisa assim? — pergunta Juan.

— Vocês é que são os polícias, meus senhores. Eu sou um simples médico. Ali têm a roupa, não foi mexida.

Moisés tira-a de cima de uma mesa e separa-a. Começa pelo casaco, amarrotado, e continua com a camisa. Ao tato parece pergaminho nos sítios onde o sangue já está seco, e escorregadio onde ainda está húmido. Não parece haver nada útil até que Juan tira um papel amachucado das calças. Contém um mapa, feito a lápis. No verso, não podemos ter mais sorte: é o cartão de visita de um médico.

— Doutor Isaac Von Baumgarten — lê Juan. — Conhece-o?

— Não.

— Mas ele é médico, como o senhor... — contrapõe, contrariado.

O doutor Ortiz engole em seco. Não tardarão a ir-se embora e ele ficará com a única companhia com quem se entende, os mortos, que são suficientemente educados para não passar a noite a dizer parvoíces e a esperar uma resposta amável.

Barcelona é uma velha senhora de alma desgarrada que foi abandonada por mil amantes, mas que não o quer reconhecer. De cada vez que cresce olha-se ao espelho, vê-se mudada e renova todo o seu sangue até o levar ao ponto de ebulição. Como o casulo da borboleta, por fim eclode. A desconfiança torna-se a primeira fase da gestação: ninguém está seguro de que aquele com quem conviveu durante anos, a quem tinha por vizinho, não seja agora um inimigo. De repente, estabelecem-se as distâncias, tornam-se patentes as diferenças entre os barceloneses e cada um refugia-se no seu universo, preparado para a defesa ou ataque. E é assim como a violência, a segunda fase da metamorfose de lagarta a borboleta, se torna um fenómeno irreversível. Por uma chispa, por uma causa sem causa, por uma desculpa improvisada, a velha senhora torna a encher-se de cicatrizes, arde, grita enlouquecida e presta-me homenagem. São tempos em que passeio visivelmente pelas ruas de uma cidade que se me entrega, e entro em mil corpos ansiosos por me saborearem. Recolho almas aos montes, sem reparar em nomes nem em caras. Judeus passados a ferro ou mosteiros em chamas. O sangue e o fogo criarão a fuligem com que Barcelona se maquilhará de novo para voltar a ser velha. A renovação como último passo, onde não aconteceu nada mas agora tudo é diferente, fazem da cidade uma mulher mais sábia e no entanto mais sofrida.

E assim, por estas escarificações que são as vielas da cidade velha, Moisés Corvo e Juan Malsano tentam averiguar a origem do mal que, agora que é mais do que um rumor, incuba o medo logo a seguir à última onda de violência, apenas três anos antes. Entram na rua Raurich, garganta escura e húmi-



da, com neblina nos candeeiros ambarinos e um silêncio sepulcral até chegar ao número vinte, onde mora o doutor Isaac Von Baumgarten.

Quando este, meio a dormir, abre um palmo da porta, uma puta atravessa por Tres Llits com um cliente. Malsano julga reconhecer nele um político famoso, e por isso fita-o e tenta recordar o nome, não vá isso algum dia ser-lhe útil. Mais tarde apontá-lo-á numa caderneta, ao lado de todas as notas sobre o estranho doutor Von Baumgarten.

Isaac Von Baumgarten é baixinho e rechonchudo, não muito gordo. Cabelo loiro, sempre muito bem penteado, mas agora não, que não são horas. «Senhores, o que é que querem?» Tem os olhos inchados do sono e um roupão por cima do pijama. Está frio; arrepiava-se e treme quando vê as identificações dos polícias porque «ai Jesus que já me caçaram».

— Doutor? — pergunta Malsano com o pé preparado para evitar que a porta se feche.

— Sim? — está com medo.

— Conhece o Vesgo? — Corvo não está para contemplações; é de noite, é tarde e é polícia: quem precisa de desculpas?

— Não — mente, mas os olhos, pequeninos, azuis de gelo, inchados por causa do sono, denunciam-no.

— Então, como é que me explica isto? — mostra o cartão de visita, nome e apelidos bem claros, amarrotados, mas legíveis.

— De onde saiu?

— Dá licença que entremos? — Malsano tem frio nas pernas. Além disso, é incómodo falar com meia porta aberta. O doutor Von Baumgarten ainda não respondeu que sim e Moisés Corvo já empurra a porta e entra.

Não é bem o consultório de um médico, mas também não é uma casa particular. O *hall* de entrada, de paredes tortas, é austero. Paredes limpas, de papel esverdeado, iluminadas por uma lâmpada de corrente elétrica assediada por um carrapato inso-

ne. Nenhuma fotografia pessoal, nem o mais pequeno indício de vida familiar, repara Moisés.

— De onde é que o conhece?

— Ajuda-me — não sabe onde esconder as mãos, Moisés também repara.

— A quê?

— Ajuda-me e pronto.

— Trabalha para si?

— Não é bem isso, mas faz-me alguns recados. Querem café? — surge por entre os esses um sotaque não identificado.

— Se aceitasse a oferta, o senhor também beberia, e nesse caso eu teria de o fixar à parede para não ficar enjoado com tanta tremura.

— Eu, eh...

— Trabalha sozinho?

— Eu?

— O Vesgo.

— Sim... quero dizer, não — há dois dias que não o vê, desde que o mandou ir buscar um cadáver a Montjuïc. O cartão de visita é o seu, e tem a certeza de que no outro lado está um croqui que ele mesmo desenhou. — Uma vez vi-o chegar com um miúdo. Um rapaz novo que quase não fala. Nunca entrou aqui. Fica lá fora, como um cão, à espera.

— Sabe quem ele é?

— Eu sou de fora. Não conheço ninguém, e quem conheço, mais valeria que não conhecesse.

— Pois agora conhece-nos a nós, doutor, e será melhor que puxe pela memória — Malsano inspeciona o *hall* e fica parado diante de uma porta fechada. O doutor Von Baumgarten tem a chave no bolso e acaricia-a com os dedos transpirados.

— Há quanto tempo está cá? — Corvo continua a perguntar.

— Poderiam dizer-me o que aconteceu? — o doutor aproxima-se da saída.

— Não me está a entender? — diz Corvo.

— Vai fazer dois anos. Sou austríaco.

— E está cá a fazer o quê? — Malsano está a ficar cansado. Abre uma cómoda. Nem armas pontiagudas, nem dentes caninos. Parece que o doutor não se disfarça de vampiro quando sai para dar uma volta.

— Amizades? — ironiza Corvo.

— Sou médico. Já viram isso no cartão de visita.

— Um médico austríaco. O senhor não será um desses psicanalistas que há por toda a parte, pois não?

— Não, não. Esses são um grupo de ilusionistas que pensam que fazem ciência quando relacionam tudo com foder. Eu sou frenólogo, da escola positivista.

— Pois é, Lombroso — diz Moisés. — Conheço algumas das suas teorias sobre anarquia — mas não acrescenta que as leu na tipografia onde trabalha o seu irmão, folheando *O Homem Delinquente*<sup>2</sup> para matar o tempo e porque achou o título engraçado.

— De uma vez por todas, podem dizer-me o que é que aconteceu? Morreu? — o doutor Von Baumgarten toma a iniciativa.

— Porque é que pergunta?

— Porque, suponho, se não fosse por isso a polícia não me acordaria a estas horas.

— Vínhamos trazer-lhe um copo de leite, para dormir melhor — resmungo Corvo —, mas não deve ter muita sede. Como se chama o rapaz que vinha com o Vesgo?

— Só sei a alcunha. Eu chamava-lhe sempre Bocanegra.

— Está a ver como já nos vamos lembrando?... Onde posso encontrá-lo?

— Era sempre o Vesgo quem me vinha ver.

— Gostávamos de tê-lo convidado a vir connosco, mas ele tinha um pequeno problema de... como dizer... de morte.

---

<sup>2</sup> Césare Lombroso, *L'uomo delinquente* (1876). [N. do E.]

Agora eu sorriria. Moisés Corvo agrada-me, com o seu sentido de humor tão negro, tão próximo de mim.

— Meus senhores, é tarde e não vos posso ajudar mais. Peço-vos que me desculpem, volto para a cama.

Moisés Corvo põe o chapéu e abotoa o sobretudo. Já chega, para uma primeira vez, mas este tipo sabe mais do que diz, voltaremos a ver-nos.

— Passem bem, inspetores...

— Corvo e Malsano — responde Juan, quando já estão a sair pela porta.

Avançam em direção à rua Ferran, onde há mais gente a passar. É fim de semana, e dos barcos do porto saíram marinheiros com fome de noite.

— Vamos ao Napoleón —, diz Moisés Corvo, em voz alta. O cinematógrafo da *rambla* de Santa Mònica, fechado há horas, é também o teto sob o qual trabalha e dorme Sebastián, o projeccionista. Quando as sessões acabam e o público vai para as suas casas ou para a cama (que nem sempre são no mesmo lugar), ele abre as portas da cabine ao polícia e deixa-o entrar. Conversam enquanto coloca um desses filmes italianos que agora estão na moda, põe-no a par das coscuvilhices, as quais a longo prazo acabam por ser decisivas, e fumam que nem chaminés até que a projeção passa do ecrã para o muro de fumo que eles criaram na plateia. Sebastián conhece o inspetor desde a guerra, foram da mesma leva de tropas, e de uns anos a esta parte encontrou a tranquilidade no Napoleón. Foi Corvo quem o deteve no princípio do século, quando ele roubou, de um vagão de comboio na Estació del Nord, um carregamento de quadros que tinham sido falsificados na Bélgica, e também foi Corvo quem lhe arranjou trabalho neste cinema quando ele saiu da prisão. Sem rancores, tu fazes o teu trabalho, e se me apanhaste não foi por nada pessoal. Agora, com duas meninas que quase nunca vê, Sebastián tornou-se mais calmo, olhos azuis e nariz de papa-

gaio, mas continua a perder a cabeça com as mulheres. E isto a Moisés, mulherengo como ele é, fá-lo sentir-se à vontade.

Hoje os dois inspetores irão acordá-lo, ele projetará um filme e sentar-se-ão um bocado a conversar. Começa a chegar a hora em que o muro de segredos que se está a fechar à sua volta se desmorona à martelada.

Não imaginam o horror que há do outro lado.



▲ Enriqueta Martí i Ripollès (Sant Feliu de Llobregat, 1868 – Barcelona, 12 maio de 1913).



▲ Joan Pujaló.

◀ Angelita.





# Tão cativante quanto assustador.

Uma mistura de CSI com Jack, o Estripador, na Barcelona do início do século xx.

Barcelona, 1912.

Há crianças a desaparecer.

Quando um cadáver é encontrado numa viela estreita, dilacerado e sem um pingo de sangue, surgem rumores bizarros sobre um «vampiro» que se move pelas sombras da cidade e que anda a roubar as almas dos inocentes.

Para a polícia trata-se apenas de mais um cadáver, num lugar onde a morte e o crime são tão frequentes que se tornaram banais. E quanto às crianças desaparecidas, ninguém quer saber dos filhos das prostitutas que povoam Barcelona.

Mas para o inspetor Moisès Corvo — um polícia rude e dissoluto, mas com um sexto sentido peculiar — este é um mistério que tem de ser resolvido, com um criminoso que afinal é uma mulher.

Gótico e chocante, *A Mulher Má* revela um mundo macabro, uma história verídica que nos faz duvidar de um dia ter realmente existido uma mulher tão pérfida, capaz de crimes tão monstruosos.

Um livro assombroso que agarrará o leitor da primeira à última página.

«Tem um toque de Poe e de Bram Stoker, mas também de Sherlock Holmes e de Raymond Chandler. Este romance catalão, desenhado sordidamente, é a mistura do terror gótico com o crime realista. É horrífico, assustador e incrivelmente apaixonante.»

*The Times*



**TOPSELLER**

livros que se devoram



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

20|20 editora



Fotografia de Enriqueta Martí, a mulher má.

ISBN 978-989-8626-56-1



9 789898 626561

Ficção/Policial